



## **THE WICKER MAN: REFLEXÕES SOBRE A WICCA E O NEO-PAGANISMO**

**Johnni Langer\***

**Universidade de São Paulo – USP**

[johnnilanger@yahoo.com.br](mailto:johnnilanger@yahoo.com.br)

**Luciana de Campos\*\***

**Universidade Estadual Paulista – UNESP**

[fadacelta@yahoo.com.br](mailto:fadacelta@yahoo.com.br)

**RESUMO:** O presente estudo propõe uma reflexão acerca das apropriações sociais e históricas do neo-paganismo, especialmente a *wicca*, tendo como principais fontes os filmes *O homem de palha* (1973) e *O Sacrifício* (2006), confrontados com algumas obras literárias que originaram este fenômeno mágico-religioso. Procuramos demonstrar que a *wicca* mudou de sentido para as sociedades na qual estava inserida, dos anos 1960 até hoje. Além disso, também buscamos refletir a relação do cinema como meio de propagação e interpretação da História, estabelecendo estereótipos e apropriações imaginárias sobre religião.

**ABSTRACT:** The present study proposes a reflection on the social and historical appropriations of the heathenism, specially *wicca*, having as main sources the films *O homem de palha* (1973) and *O sacrificio* (2006), confronted with some literary works that had originated this magician-religious phenomenon. We look for to demonstrate that *wicca* moved from sensible for the societies in which was inserted, of the years 1960 until today. Moreover, we also search to reflect the relation of the cinema as half of propagation and interpretation of the History, establishing stereotypes and imaginary appropriations on religion.

**PALAVRAS-CHAVE:** Neo-paganismo – Cinema e História – Cultura Celta

**KEYWORDS:** Heathenism – Cinema and History – Celtic Culture

---

\* Doutor em História pela UFPR. Pós-doutorando em História pela USP, bolsista da FAPESP. Membro do *Grupo Brathair de Estudos Celtas e Germânicos* ([www.brathair.com](http://www.brathair.com)); *Núcleo Paranaense de Pesquisa em Religião* (NUPPER, [www.geog.ufpr.br/nupper](http://www.geog.ufpr.br/nupper)); *Associação Brasileira de Estudos Medievais* (ABREM, [www.abrem.org.br](http://www.abrem.org.br)).

\*\* Mestre em História e Doutoranda em Letras pela UNESP. Membro do grupo BRATHAIR, NUPPER e ABREM.

O neo-paganismo<sup>1</sup> é uma prática mágico-religiosa<sup>2</sup> do homem contemporâneo. Surgido em meados do século XIX, em suas várias facetas procura reconstituir as religiosidades existentes antes do surgimento do cristianismo na Europa, com maior ou menor grau de exatidão histórica. Em particular, observamos a propagação do movimento da *wicca* que vem crescendo espetacularmente em todo o mundo e também no Brasil. Neste trabalho, vamos focar algumas mudanças ocorridas dentro do movimento wiccano, tendo como principais indicadores dois filmes, produzidos em um período de 40 anos: as duas versões de *The wicker man*. Seguimos aqui tanto o referencial de que o cinema, ao mesmo tempo que, constitui uma fonte histórica e um referencial ideológico específico de um momento histórico, também é passível de veicular e perpetuar estereótipos dentro dos temas que prolifera. Assim, podemos tanto perceber os temas religiosos tratados nos filmes como sintomas das práticas reais efetuadas em suas épocas, como também apropriações imaginárias e ideológicas que fazem parte do referencial do diretor como da comunidade histórica ao qual estava inserida a produção fílmica.<sup>3</sup> Dividimos o trabalho em duas grandes etapas: na primeira, discutimos a primeira versão do filme, de origem britânica, e o contexto do surgimento e propagação da *wicca* na Europa dos anos 1940-1970. Em seguida, analisamos a segunda versão (2006), suas diferenças com relação à obra fílmica anterior e as

---

<sup>1</sup> Neo-paganismo são reconstituições das religiosidades que existiram antes do cristianismo pela Europa, efetuadas por adeptos e teóricos desde o século XIX. Suas principais vertentes incluem reconstituições das religiosidades dos povos Celtas e Vikings. Cf. JONES, Prudence; PENNICK, Nigel. **A history of pagan Europe**. London/New York: Routledge, 1997. p. 196-220.

<sup>2</sup> Neste trabalho adotamos como referencial de fenômeno mágico-religioso toda manifestação social de fé baseada tanto em termos públicos e morais, quanto de aplicações práticas e privadas de relação com o sobrenatural. Cf. GUERRIERO, Silas. **A magia existe?** São Paulo: Paulus, 2003. p. 61-75; MONTEIRO, Paula. **Magia e pensamento mágico**. São Paulo: Ática, 1986. p. 8-16; BRONOWSKI, Jacob. **Magia, ciência e civilização**. Lisboa: Edições 70, 1986. p. 29-48. Para os próprios praticantes, a *wicca* é uma religião da terra ou da natureza, a exemplo do xamanismo. Cf. OSÓRIO, Andréa. Bruxas modernas: um estudo sobre identidade feminina entre praticantes de *wicca*. **Campos**, n. 5, ano 2, p. 158-159, 2004. Neste trabalho não adotamos os termos *seita* e *pseudo-religião* por serem pejorativos e repletos de sentido moralista. Não existem critérios científicos para estabelecer o uso destas terminologias, seja em termos históricos ou antropológicos. Quase toda manifestação religiosa possui membros fundamentalistas ou momentos de violência social e irracionalidade coletiva em sua trajetória histórica, mesmo as tradicionais, não havendo razão para discriminar as novas manifestações de fé dentro destes critérios. Nossa principal perspectiva metodológica é a do imaginário social, especialmente advinda de: FRANCO JR., Hilário. O fogo de Prometeu e o escudo de Perseu: reflexões sobre mentalidade e imaginário. **Signum**, n. 5, p. 73-116, 2003.

<sup>3</sup> Cf. LANGER, Johnni. Metodologia para análise de estereótipos em filmes históricos. **História Hoje**, v. 2, n. 5, 2004. Disponível em: <<http://www.anpuh.uepg.br/historia-hoje/>>. Acessado em: 15 de nov. de 2006.

transformações que este movimento neo-paganista tomou especialmente nos Estados Unidos.

### ***O homem de palha: a popularização do neo-paganismo na Europa***

O filme *The wicker man*, lançado em 1973,<sup>4</sup> é um clássico do cinema de horror e fantasia, inspirado no romance *Ritual*, de David Pinner.<sup>5</sup> Produzido pela *Hammer Films*, a mesma que consagrou vários títulos sobre vampiros e monstros, possuía várias diferenças em relação ao estilo da produtora. Em primeiro lugar, não ocorre em nenhum momento qualquer situação sobrenatural. A trilha musical é composta de música folk e pop, sem a ambientação incidental de suspense e medo, típicas do estilo horror e terror. A trama gira em torno do desaparecimento de uma garota em uma ilha escocesa. Um detetive britânico é convocado para esclarecer o mistério, onde fica conhecendo a exótica e misteriosa população do vilarejo, cujo líder é o enigmático Lord Summerisle (interpretado pelo ator Christopher Lee, famoso pelos papéis de Drácula). Após conhecer os estranhos cultos e crenças da comunidade, o sargento Howie acaba descobrindo que foi vítima de uma armadilha arquitetada pelos próprios habitantes da comunidade, que o sacrificam em um gigantesco boneco de palha,<sup>6</sup> a fim de salvar as colheitas fracassadas.

---

<sup>4</sup> O HOMEM DE PALHA (*The wicker man*). Direção: Robin Hardy, 1973. London: Films/Dark side, 1973. 1 DVD, Brasil, 2003. Roteiro de Anthony Shaffer. Para detalhes técnicos e históricos desta produção fílmica ver: *The wicker Man*, <[www.imdb.com/title/tt0070917/](http://www.imdb.com/title/tt0070917/)>. Existem vários estudos acadêmicos sobre esta produção, consultar a bibliografia final de: FRANKS, Benjamin. Demotic possession: the hierarchic and anarchic in *The Wicker Man*. In: FRANKS, Benjamin (Ed.) **Constructing The Wicker Man: film and cultural perspectives**. Glasgow: University of Glasgow, 2005. Disponível em: <<http://eprints.gla.ac.uk/3038>>. Acessado em 01 de nov. de 2006.

<sup>5</sup> O romance *Ritual* foi publicado em 1967 e possui a mesma narrativa básica que o filme: um policial é convocado para investigar o desaparecimento de uma menina em um povoado da Cornualha (na primeira versão ao cinema é uma ilha escocesa), onde todos da comunidade professam o paganismo. A cena da tentativa de sedução do policial pela personagem interpretada pela atriz Britt Ekland, uma das mais famosas do primeiro filme, também ocorre no romance. Com o intuito de não pagar direitos autorais para o escritor, não existem referências ao romance nos créditos do filme. Cf.: **Wicker man trivia**, <[www.wicker-man.com/trivia.php](http://www.wicker-man.com/trivia.php)>; **The various versions of *The Wicker Man***, <[www.steve-p.org/wm](http://www.steve-p.org/wm)>. Acessos em: 19 de nov. de 2006.

<sup>6</sup> O gigantesco boneco de palha construído para o filme foi inspirado na ilustração *The wicker image* de Aylett Sammes, incluída em *Britannia Antiqua Illustrata* (1976), que por sua vez foi inspirada no ritual de imolação gaulês, cuja descrição histórica aparece em *Guerras Gálicas* (VI, 16), de Julius Caesar.

Apesar de fazer referências ao folclore de origem medieval ainda existente em várias regiões das ilhas britânicas,<sup>7</sup> o filme traz indicações diretas a vários elementos da *wicca*: o culto da natureza, do deus chifrudo e da grande deusa mãe. Outros elementos do filme também são constantes do neo-paganismo, como ritos de fertilidade, círculos mágicos, a sobrevivência da alma pela reencarnação e da possibilidade de contato com o outro mundo e principalmente, a sobrevivência de crenças religiosas da cultura Celta. Uma das diferenças da *wicca* com a narrativa fílmica, é que ela não constitui a crença coletiva de uma comunidade inteira, sendo antes um movimento inicialmente isolado em regiões interioranas e posteriormente levado para as grandes cidades, com uma quantidade pequena de adeptos (ao menos até meados dos anos 1970).

A *wicca* foi criada no final dos anos 1940 pelo britânico Gerald Gardner (1884-1964) e sua origem etimológica seria anglo-saxã, significando o suposto nome de uma antiga religião.<sup>8</sup> Após viajar e conhecer ritos de várias partes do mundo, como a Malásia, Gardner retornou a Inglaterra e publicou em 1954 o livro *A feitiçaria hoje*. Nele, o autor enfatizava o renascer de um antigo culto pré-cristão, chamado de a velha religião da Inglaterra.<sup>9</sup> Gardner comprou um antigo castelo na ilha de Man (localizada entre a Escócia e a Inglaterra), onde instalou um museu dedicado à história da feitiçaria, sendo seus livros também guias para realizar alguns rituais, uso da faca cerimonial (*athame*),<sup>10</sup> entre outros objetos.<sup>11</sup> Obviamente, a personagem Lord Summerisle foi

<sup>7</sup> O filme britânico explorou várias facetas do folclore moderno que perpetuam antigas crenças paganas, como o os festivais de Maio e o *Maypole* (mastro da Primavera, presente em vários países, inclusive no Brasil via herança portuguesa); *punch* (bobo, rei por um dia, muito presente ainda na Cornualha); mão da glória; *the green man* (identificado também com os poemas folclóricos de John Barleycorne); práticas mágicas de medicina (uso de sapos para infecções de garganta; cordão umbilical no salgueiro), etc. Sobre estes folclores consultar: JONES, Prudence; PENNICK, Nigel. **A history of pagan Europe**. London/New York: Routledge, 1997, p. 75, 76, 82, 103, 113, 204, 206; THE WICKER MAN ENIGMA. Direção: David Gregory. London: Blue Underground, 2001. 1 DVD/documentário (45 min), edição brasileira, 2003; **Green Man East Anglia**, 2006 [http://website.lineone.net/~dominicow/green\\_man\\_folklore.htm](http://website.lineone.net/~dominicow/green_man_folklore.htm); **The wicker man**, [www.pretanicworld.com/TheWickerMan.html](http://www.pretanicworld.com/TheWickerMan.html) Acessados em 10 de novembro de 2006. Algumas locações do filme, como a caverna de Saint Ninian, na Escócia, realmente foram utilizadas por pagãos e cristãos primitivos para celebrações. Cf. COPPENS, Philip. **The Wicker Man: the return of the pagan world**. Disponível em: <[www.philipcoppens.com/wickerman.html](http://www.philipcoppens.com/wickerman.html)>. Acesso em: 02 de nov. de 2006.

<sup>8</sup> A palavra *wicca* advém de *wic*, radical anglo-saxônico relacionado com sabedoria e religião. Cf. GUERRIERO, Silas. **A magia existe?** São Paulo: Paulus, 2003, p. 21. Originalmente Gardner utilizou a palavra com somente um c, mas posteriormente esta se popularizou para *wicca*. Cf. PHILLIPS, Julia. **History of wicca in England: 1939 to the present day**. Disponível em: <[http://www.geraldgardner.com/History\\_of\\_Wicca\\_Revised.pdf](http://www.geraldgardner.com/History_of_Wicca_Revised.pdf)>. Acesso em: 20 de nov. de 2006.

<sup>9</sup> Sobre Gerald Gardner consultar: <[www.geraldgardner.com](http://www.geraldgardner.com)>. Acesso em: 20 de nov. de 2006.

<sup>10</sup> Os principais objetos mágicos da *wicca* são o pentagrama ou estrela de Salomão (simbolizando a terra); o cálice (elemento água); o bastão (elemento fogo); o caldeirão (os quatro elementos) e a

inspirada diretamente em Gerald Gardner – no filme, seu bisavô teria feito ressurgir o antigo culto na ilha de Summerisle, durante o século XIX. Além de líder, ele promove a correta realização dos rituais e a ordem na comunidade. Uma das principais cenas do filme – a nudez ritual de jovens mulheres em um círculo com fogueira central, evoca diretamente a *wicca*. Ao lado deste círculo, o filme retrata uma série de megálitos semelhantes a Stonehenge – considerado pelos neo-druidas e por muitos neo-paganistas desde o Oitocentos como sendo de origem Celta.<sup>12</sup>



**Imagem 1:** Cena do filme *O Homem de palha*, 1973. Jovens realizam ritual em volta de uma fogueira para o deus Belenos (divindade Celta comemorada no 1º. de maio, *Beltane*), invocando fertilidade. Fonte: <http://www.steve-p.org/wm/gallery.htm> Acessado em 01 de novembro de 2006.

Após a morte de Gardner em 1964, o movimento wiccano britânico se viu dividido essencialmente em dois líderes que alegavam a herança religiosa wiccana,

---

vassoura (junção do feminino e masculino). Cf. GUERRIERO, Silas. **A magia existe?** São Paulo: Paulus, 2003, p. 22. Ainda sobre os objetos da *wicca* ver: FELIPE, Cristiana. *Wicca: sob as forças da deusa e da natureza*. **Revista das religiões**, edição 18, p. 47, 2005.

<sup>11</sup> Cf. SMYTH, Frank. Gerald Gardner. In: \_\_\_\_\_. **A feitiçaria moderna**. Lisboa: Edilivro, 1980. p. 23-31. Não confundir a bruxaria e feitiçaria moderna (*wicca*) com o Luciferianismo e/ou Satanismo, movimentos religiosos surgidos a partir do século XVI com Catarina de Médicis e a criação da primeira missa negra, em oposição ao ritual cristão tradicional. Existem vários grupos luciferianistas por toda a Europa desde então, alguns utilizando elementos da feitiçaria, mas sempre sendo uma inversão do ritual católico. Sobre o tema ver: BOURRE, Jean-Paul. **As seitas luciferinas de hoje**. Lisboa: Publicações Europa América, s.d.; HAINING, Peter. **Magia negra e feitiçaria**. São Paulo: Melhoramentos, 1975. p. 109-155.

<sup>12</sup> Na realidade o sítio arqueológico de Stonehenge, planície de Salisbury, sul da Inglaterra, foi construído muito tempo antes dos Celtas, por comunidades do Neolítico. Cf. NIEL, Fernand. **Stonehenge**. São Paulo: Hemus, [s.d.]. p. 173-226.

Monique Wilson (Lady Olwen) e Alex Sanders. A primeira, residindo na própria ilha de Man, dirigia um *coven* (grupo) realizava vários tipos de rituais, incluindo o uso de uma vassoura dentro de um círculo e sem roupas – um resgate da imagem da bruxa medieval.<sup>13</sup> Mas ao contrário dos supostos esterótipos, segundo os próprios adeptos, os feiticeiros de Man não realizariam atos maléficis, mas apenas rituais em consagração da fertilidade e à natureza.<sup>14</sup> Porém, o mais famoso propagador da *wicca* e do neopaganismo na Inglaterra durante os anos 1970 foi Alex Sanders (1916-1988). Participando ativamente do cenário cultural e *pop* do período, Sanders promovia ativamente a ritualística e as idéias sobre paganismo pelas TVs, rádios, jornais, cinema e até na música<sup>15</sup> – auxiliou na composição das letras e na estrutura de diversas bandas de rock, como *Black Widow* (que em suas apresentações musicais reproduzia cultos pagãos).<sup>16</sup> Casamentos rituais de wiccanos no final dos anos 1970 foram propagados por outra sacerdotisa de nome Maxine Morris (ex-esposa de Sanders) e divulgados inclusive pela revista brasileira *Manchete*.

Tanto o movimento wiccano quanto a estrutura e recepção da primeira versão de *O homem de palha* foram favorecidos em parte pela conjuntura dos anos 1965-1973, essencialmente rebelde, revolucionária e transgressora: seja com o movimento hippie, o rock, a liberdade sexual, a busca por parâmetros religiosos diferentes, enfim, criaram condições para o surgimento de novas idéias e comportamentos que atraíram essencialmente os jovens da época.<sup>17</sup> A nudez e a magia sexual faziam parte dos rituais

<sup>13</sup> Para detalhes sobre os rituais wiccanos de Monique Wilson e de Alex Sanders consultar: FINNÉ, Jacques. **Erotismo e feitiçaria**: o amor bruxo através dos tempos. São Paulo: Edições MM, 1973. p. 318-325.

<sup>14</sup> Cf. LANGELAAN, George. O deus chifrudo ressurgiu na Inglaterra. **Planeta**, n. 10, p. 38-46, 1973.

<sup>15</sup> Sanders foi o criador da linha (ou tradição) da *wicca* conhecida como Alexandrina e foi tema principal do filme britânico *Legend of the witches*; participou de entrevistas em programas de rádio e televisão da Inglaterra, Alemanha, Itália e França; gravou discos que foram lançados nos Estados Unidos; o próprio Alex Sanders auto intitulava-se “rei dos feiticeiros”. Cf. SMYTH, Frank. Gerald Gardner. In: **A feitiçaria moderna**. Lisboa: Edilivro, 1980. p. 99-105. Sobre Sanders também consultar: PHILLIPS, Julia. **History of wicca in England: 1939 to the present day**, p. 14. Disponível em: <[http://www.geraldgardner.com/History\\_of\\_Wicca\\_Revised.pdf](http://www.geraldgardner.com/History_of_Wicca_Revised.pdf)>. Acesso em: 20 de nov. de 2006.

<sup>16</sup> Sobre a banda de rock Black Widow consultar: REY, Leopoldo; PHILLIPE, Gilles. **O livro negro do rock**: o dicionário do heavy metal. São Paulo: Editora Três, 1984, p. 26-27; **ENCYCLOPEDIA OF BLACK MAGIC**. New York: Mallard Press, 1990, p. 39. Para informações sobre seu disco mais famoso, *Sacrifice* (1970), incluindo letras das músicas envolvendo magia e paganismo, consultar: <[www.blackwidow.org.uk](http://www.blackwidow.org.uk)>. Acesso em: 18 de nov. de 2006.

<sup>17</sup> O grande interesse dos jovens pela Wicca britânica durante os anos 1970 é confirmado por SMYTH, Frank. Gerald Gardner. In: \_\_\_\_\_. **A feitiçaria moderna**. Lisboa: Edilivro, 1980, p. 103.

neo-paganistas deste período, também explicando em parte seu sucesso na produção fílmica de 1973.

### **A base histórica da *wicca*: romantismo e resistência**

Tanto os wiccanos britânicos quanto o filme *O homem de palha* foram influenciados diretamente pelas idéias de Gerald Gardner. Mas a idéia da sobrevivência de ritos paganistas durante a Idade Média é mais antiga, provindo do mitólogo inglês James Frazer. Em seu livro *O ramo dourado*, em 12 volumes publicados entre 1890 a 1941, Frazer popularizou em descrições minuciosas os antigos cultos pré-cristãos de adoração a natureza, os sacrifícios e as concepções de natureza e religiosidade paganistas. Sendo um escritor de gabinete, suas descrições utilizavam essencialmente material de terceiros. Sua obra possui uma visão essencialmente evemerista – a magia antiga refletia a ordem natural das coisas, sendo substituída depois pela religião.<sup>18</sup> Na mesma linha do pensamento antropológico de Frazer, foram publicados entre 1921 e 1930, os livros da egiptóloga britânica Margareth Murray. Ela defendia, em síntese, a sobrevivência de antigos cultos pré-históricos de adoração ao deus chifrudo e a grande deusa em plena Idade Média – que foram interpretados pela Igreja como sendo de bruxaria e satanismo. Esses cultos, que Murray denomina de “antiga religião da Grã-Bretanha pré-cristã”,<sup>19</sup> poderiam em suas palavras, ser também a religião dos druidas, os sacerdotes dos Celtas.<sup>20</sup> Murray não realizou uma crítica heurística da sua documentação – basicamente relatos inquisitoriais, confrontados com dados etnológicos advindos de James Frazer e de certa influência do romantismo oitocentista de Jules Michelet<sup>21</sup> – confundindo as idéias eruditas com as práticas sociais do período medieval. Em obra posterior, a pesquisadora chegou inclusive a detalhar toda a

---

<sup>18</sup> No Brasil existe traduzida a versão sintetizada de 1922: FRAZER, James. **O ramo de ouro**. São Paulo: Zahar, 1982. Para uma abordagem historiográfica da obra de Frazer ver: JABOUILLE, Victor. **Iniciação à ciência dos mitos**. Lisboa: Inquérito, 1986, p. 85-86.

<sup>19</sup> MURRAY, Margaret Alice. **O culto das bruxas na Europa Ocidental**. São Paulo: Madras, 2003, p. 23.

<sup>20</sup> Ibid.

<sup>21</sup> Michelet sintetizou todas as idéias românticas sobre feitiçaria em seu clássico publicado em 1862, entre as quais a realidade da magia feminina e a antiga sociedade das bruxas e principalmente os sabás (verdadeiras metáforas da oposição entre servos e nobres durante a Idade Média e da mulher como sacerdotisa das forças da natureza). Cf. MICHELET, Jules. **A feiticeira**. São Paulo: Círculo do livro, 1990.

ritualística e cerimonial destes cultos, baseada nas fontes inquisitoriais<sup>22</sup> e também apresentando uma sobrevivência estrutural destes cultos que nunca foi confirmada pela historiografia: “[...] uma continuidade de crença e ritual que pode ser acompanhada desde o período paleolítico até os tempos modernos”.<sup>23</sup> Um dos maiores problemas teóricos de Murray foi ter confundido mito com rito, nas palavras de Carlo Ginzburg: as imagens de reuniões das bruxas, suas metamorfoses e práticas, realmente não eram meras ilusões fantásticas dos inquisidores, mas refletiam crenças da época e que sobreviveram pelo folclore popular. Não existem provas de que as pessoas se reunissem concretamente durante a Idade Média para celebrar ritos e práticas mágicas de origem anterior ao cristianismo, e sim, de que acreditavam em certas imagens e narrativas (do qual a documentação é testemunha, tanto para os eruditos quanto para a população em geral). Para Ginzburg, existiu a sobrevivência de crenças de origem xamanista euroasiáticas, transmitidas folcloricamente por quase toda a Europa até início da Idade Moderna. O que Murray fez equivocadamente, foi ter confundido a interpretação histórica criada pelos próprios inquisidores com estas crenças de origem mais antiga, perpetuadas pelos populares: “Em vez de tentar distinguir os estratos mais antigos das sobreposições sucessivas, Murray assumiu acriticamente o estereótipo já consolidado do sabá, como base para a sua própria interpretação, tornando-a de todo inaceitável”.<sup>24</sup>

Por sua vez, Gerald Gardner iria retomar *ipsis literis* as idéias de Margaret Murray, tanto em termos bibliográficos quanto aplicações práticas. Mas em vez de criar um pensamento reconstrucionista, apregoava que estas práticas nunca haviam desaparecido da Europa: “[...] fiz a descoberta de que a bruxaria, que as pessoas

---

<sup>22</sup> Cf. MURRAY, Margaret Alice. **O deus das feitiçeras**. São Paulo: Editora Gaia, 2002. p. 11-153.

<sup>23</sup> MURRAY, Margaret Alice. **O deus das feitiçeras**. São Paulo: Editora Gaia, 2002, p. 11.

<sup>24</sup> GINZBURG, Carlo. **História noturna: decifrando o Sabá**. São Paulo: Cia. das Letras, 2001, p. 19. Para outras críticas historiográficas da obra de Murray, especialmente a relação entre fonte documental e interpretação histórico-antropológica, consultar: Id. **Os andarilhos do bem: feitiçaria e cultos agrários nos séculos XVI e XVII**. São Paulo: Cia. das Letras, 1988. 9-13. Uma síntese das críticas de Norman Cohn para as teorias de Murray pode ser encontrada em JONES, Prudence; PENNICK, Nigel. **A history of pagan Europe**. London/New York: Routledge, 1997, p. 206-207. Para um contexto geral das idéias de Murray na historiografia da feitiçaria européia, ver: SOUZA, Laura de Mello e. **A feitiçaria na Europa Moderna**. São Paulo: Ática, 1987, p. 41-43. Esta historiadora equivocadamente inseriu o historiador Carlos Ginzburg na mesma linha de pensamento sobre bruxaria que Murray (“A vertente romântica/A bruxaria é concreta”), mas na realidade, este autor admite somente a sobrevivência de crenças e mitos pelo folclore europeu durante a Idade Média e Moderna, e não ritos e práticas culturais concretas como defendia a egiptóloga britânica.



pensavam ter sido perseguida até a extinção, ainda existia”.<sup>25</sup> A grande quantidade equivocada de leituras arqueológicas e antropológicas de Gardner o auxiliaram a criar um verdadeiro mosaico da origem dos cultos de bruxaria, encontrando supostos vestígios desde o Oriente e Ásia até a Europa antiga e medieval. Na realidade este pesquisador acabou fundindo aleatoriamente e sem nenhum critério histórico diversas práticas mágicas e religiosas de finalidade, contexto social e estruturas totalmente diferenciadas. Por exemplo, quando trata das invasões normandas na Inglaterra, afirma que estes “possuíam uma tradição de algo parecido com a bruxaria”.<sup>26</sup> Os normandos, de origem escandinava, professavam o paganismo até o momento em que colonizaram o norte francês sendo totalmente cristianizados no século X. No momento de sua chegada à ilha britânica (1.066 d.C.) já não ocorria nenhum indício de que ainda professavam crenças pré-cristãs.<sup>27</sup> Para Gardner, o culto à grande deusa e ao deus chifrudo seria universal e constituiria a base da bruxaria em todo o mundo e em todas as épocas (que ele unifica sob o nome de a Antiga Religião), algo infundado perante as atuais pesquisas arqueológicas e de história das religiões.<sup>28</sup> Mas a principal influência histórica para a bruxaria moderna seria proveniente da cultura Celta.<sup>29</sup>

[...] os druidas era um sacerdócio masculino bom e forte que adorava o sol durante o dia, e tinha tendências políticas, enquanto as bruxas adoravam a lua à noite [...] as bruxas [...] que se mantinham fora da política e possuíam sua própria forma de religião e magia [...] as bruxas foram muito influenciadas pelos primeiros cristãos celtas e pelos culdees, os druidas que se haviam convertido em cristãos.<sup>30</sup>

Em primeiro lugar, o termo bruxa só pode ser aplicado a partir da Idade Média, visto que é um imaginário específico criado e popularizado pelos inquisidores e

---

<sup>25</sup> GARDNER, Gerald. **O significado da bruxaria**: uma introdução ao universo da magia. São Paulo: Madras, 2004, p. 9.

<sup>26</sup> GARDNER, Gerald. **O significado da bruxaria**: uma introdução ao universo da magia. São Paulo: Madras, 2004, p. 27.

<sup>27</sup> Sobre o tema ver: LANGER, Johnni. Religião e magia entre os Vikings: uma sistematização historiográfica. **Brathair**, n. 5, v. 2, 2005. Disponível em: <[www.brathair.com](http://www.brathair.com)>. Acesso em: 20 de nov. de 2006.

<sup>28</sup> Para uma crítica historiográfica ao culto universal à grande mãe ou a deusa primordial, consultar o artigo; Id. O culto às deusas na Escandinávia Viking. **História e-História**, NEE/Unicamp, especialmente a nota (iii). Disponível em: <[www.historiae-historia.com.br](http://www.historiae-historia.com.br)>. Acesso em: 30 de nov. de 2006.

<sup>29</sup> Um excelente artigo que trata de analisar a relação da *wicca* com a religiosidade céltica pré-cristã é: MACANTSAOIR, Ian; O’LAOGHAIRE, Dawn. **Porque a wicca não é Celta**. Disponível em: <<http://br.geocities.com/sitetresmundos/porqueawiccanaoecelta.htm>>. Acesso em: 12 de nov. de 2006.

<sup>30</sup> GARDNER, 2004, op. cit., p. 25; 29.

associado com o demônio e seus adoradores.<sup>31</sup> Antes deste período, existiam as práticas de feitiçaria desde a Antiguidade, de caráter individual e privado, não opostas à religiosidade pública e oficial, mas antes inseridas em um contexto social mais amplo.<sup>32</sup> Não é possível conceituar bruxaria entre os Celtas e Vikings (ou outros povos paganistas) pelo fato destas culturas não utilizarem o conceito maniqueísta de moralidade advindo do pensamento judaico-cristão e as praticantes de magia e feitiçaria não constituíram uma forma de religiosidade separada do druidismo e da sociedade céltica.<sup>33</sup> Com certeza existiu magia em quase todos os povos antes do cristianismo, mas denominá-las de bruxaria é estar utilizando o próprio estereótipo criado no medievo: bruxa é uma praticante do mal, uma adoradora das trevas. A magia também ocorreu na cultura popular medieval, mas ela estava inserida em um contexto de crenças totalmente cristãs e não de um suposto paganismo que sobreviveu à Igreja e que mantinha cultos intactos desde a pré-história como pensava Murray e Gardner.<sup>34</sup>

Outra perpetuação de traços Celtas na *wicca* gardneriana foi a permanência de quatro grandes sabás: Imbolc (Candlemas, primeiro de fevereiro), Beltane (primeiro de maio), Lammás (primeiro de agosto) e Samain (primeiro de novembro),<sup>35</sup> retiradas

<sup>31</sup> Cf. SOUZA, Laura de Mello e. **A feitiçaria na Europa Moderna**. São Paulo: Ática, 1987. p. 11-24.

<sup>32</sup> Cf. CANDIDO, Maria Regina. **A feitiçaria na Atenas clássica**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2004.

<sup>33</sup> Sobre a articulação entre magia, feitiçaria e religiosidade pública entre os Celtas consultar: GUYONVARCH, Christian J. **Magie, médecine et divination chez les Celtes**. Paris: Payot, 1997. Sobre druidismo ver: LUPI, João. Os druidas. **Brathair**, n. 4, v. 10, 2004. Disponível em: <[www.brathair.com](http://www.brathair.com)>. Acesso em: 5 de jan. de 2006. Para aspectos básicos sobre religiosidade Celta ver: LOPES, José Reinaldo. A religião céltica: o sagrado está no ar. **Revista das religiões**, n. 4, v. 1, p. 36-41, 2004. Para a relação entre magia e religiosidade entre os Vikings consultar: BOYER, Régis. **La religion des anciens scandinaves**. Paris: Payot, 1981. p. 110-165; BOYER, Régis. Essai sur la mentalité religieuse des anciens scandinaves/permanence de la magie fatidique. In: \_\_\_\_\_. **Le Christ des barbares: le monde nordique (IX-XIII siècle)**. Paris: Ceuf, 1987. p. 17-74.

<sup>34</sup> Sobre o uso da magia e da feitiçaria para práticas de curas, adivinhações do futuro e efeitos amorosos ou destrutivos na baixa Idade Média e início da Europa Moderna, consultar: THOMAS, Keith. **Religião e o declínio da magia**: crenças populares na Inglaterra, séculos XVI e XVII. São Paulo: Cia. das Letras, 1991. p. 155-236; AMARANTE DOS SANTOS, Dulce Oliveira. Os poderes da magia/práticas populares femininas e masculinas. In: \_\_\_\_\_. **Corpo dos pecados**: representações e práticas sócio-culturais femininas nos reinos ibéricos de Leão, Castela e Portugal. 1997. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo, f. 199-242. Sobre a passagem da feitiçaria para a bruxaria no imaginário europeu consultar: BAILEY, Michael D. From sorcery to witchcraft: clerical conceptions of magic in the Later Middle Ages. *Speculum* 76, 2001, p. 960-990. Para dados gerais sobre a feitiçaria na Idade Média, suas características cotidianas e a criação do imaginário erudito e popular, consultar: SCHMITT, Jean-Claude. Feitiçaria. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. (Org.). **Dicionário temático do Ocidente Medieval**. São Paulo; Edusc, 2002. p. 423-435. v. 1.

<sup>35</sup> Cf. GARDNER, Gerald. **O significado da bruxaria**: uma introdução ao universo da magia. São Paulo: Madras, 2004, p. 17. Os atuais praticantes adotam também mais quatro sabás: respectivamente os dois solstícios e equinócios anuais. Disponível em <[http://www.claudiahaury.com.br/int\\_roda.htm](http://www.claudiahaury.com.br/int_roda.htm)>. Acesso em: 23 de nov. de 2006.

diretamente das festividades religiosas dos Celtas. O termo sabá (*sabatt*) é de origem judaica e foi associado às reuniões das bruxas durante o final da Idade Média (após o século XIV).<sup>36</sup> Gardner ainda mesclou várias outras influências para compor a *wicca*. De um lado, fundiu tradições mágico-ocultistas que floresceram na Europa desde o século XVIII, como a releitura moderna da cabala hebraica, uso de talismãs, símbolos e círculos mágicos de origem hebraico-clássica, magia iniciatória, além da maçonaria e de ocultistas como Aleister Crowley e as ordens esotéricas Golden Dawn e O.T.O.<sup>37</sup> Um dos grandes símbolos wiccanos, o pentagrama, ao contrário do que professam muitos adeptos na atualidade, não tem nenhuma origem Celta,<sup>38</sup> mas sim clássica e oriental<sup>39</sup> e foi popularizado pelo ocultismo oitocentista.<sup>40</sup>

Para concluir esta parte do trabalho, podemos considerar que a principal idéia que manteve as teorias religiosas de Murray e Gardner é a imagem de resistência de uma fé perseguida pela religiosidade oficial (seja pelo próprio paganismo clássico e druidismo como pelo posterior cristianismo), que sobreviveu de forma marginal, oculta, distante dos grandes centros urbanos, e periférica ao desenvolvimento da civilização medieval e moderna. E quando conhecida pelos meios eruditos, foi supostamente mal interpretada: o culto ao deus chifrudo foi visto como adoração ao demônio, por exemplo. A perpetuação deste “conhecimento proibido” teria sido transmitida por meio familiar, de pais para filhos, de forma secreta e clandestina. Estas idéias também foram

---

<sup>36</sup> Cf. SOUZA, Laura de Mello e. **A feitiçaria na Europa Moderna**. São Paulo: Ática, 1987, p. 21-23.

<sup>37</sup> Cf. DAVIS, Morgan. **From man to witch**: Gerald Gardner 1946-1964. Disponível em: <<http://www.geraldgardner.com/Gardner46-49.PDF>> Acesso em: 20 de nov. de 2006; DEARNALEY, Roger. **The influence of Aleister Crowley upon “Ye bok of ye art magical”**. Disponível em: <<http://www.geraldgardner.com/dearnaley.php>>. Acesso em: 20 de nov. de 2006. Sobre as influências hebraicas em Crowley, especialmente a cabala e o simbolismo da árvore da vida, consultar: CROWLEY, Aleister. **O equinócio dos deuses** (1899). São Paulo: Gráfica Editora Arte Moderna/Sociedade Ordo Templi Orientis no Brasil, 1976, p. 151. Para detalhes dos cultos gardnerianos e dos equipamentos ritualísticos wiccanos, consultar: HAINING, Peter. **Magia negra e feitiçaria**. São Paulo: Melhoramentos, 1975. p. 132-139.

<sup>38</sup> Alguns wiccanos denominam também o pentagrama de “pé de druida”, sem nenhuma base histórica. Cf. [http://www.oldreligion.com.br/site/materia\\_unica/conteudo\\_interna.asp?QS\\_Materia=pentagrama](http://www.oldreligion.com.br/site/materia_unica/conteudo_interna.asp?QS_Materia=pentagrama;); <[http://br.geocities.com/magias\\_de\\_amor/pentagrama.html](http://br.geocities.com/magias_de_amor/pentagrama.html)>. Acessos em: 31 de out. de 2006.

<sup>39</sup> Cf. CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2002, p. 706-707. O pentagrama não é um símbolo encontrado na arte, nos vestígios arqueológicos e nem na iconografia religiosa dos povos Celtas. Para uma correta verificação da simbologia Celta consultar a extensa lista iconográfica fornecida por CUNLIFFE, Barry. **The ancient Celts**. London: Penguin Books, 1999, p. 315-316. Para detalhes sobre símbolos mágicos na tradição ocultista européia ver: RIVIÈRE, Jean. **Amuletos, talismanes y pantáculos**. Barcelona: Martínez Roca, 1974, especialmente as páginas 23 a 172.

<sup>40</sup> Sobre o simbolismo do pentagrama para um dos principais e mais influentes ocultistas oitocentistas ver: LEVI, Eliphas. **Dogma e ritual da alta magia**. São Paulo: Pensamento, 1993. p. 108-115.

refletidas no filme *O homem de palha*, onde a volta ao paganismo pela comunidade insular representa metaforicamente, mais do que a revolta contra a religião dominante na Europa contemporânea e sim, a manutenção de práticas que nunca tinham sido perdidas e que constituem a verdadeira essência da relação entre homem e natureza.

### ***O sacrifício: a wicca nos EUA e a utopia do matriarcado***

Em 2006 foi produzida a nova versão de *The wicker man*, que no Brasil foi chamada de *O sacrifício*.<sup>41</sup> Além das diferenças estéticas existentes entre cinema norte-americano e europeu, a própria trama sofreu várias transformações. A busca do policial pela menina desaparecida e o sacrifício deste homem pela comunidade de fé pagã ao final do filme, são as facetas do original que foram mantidas. Ao contrário do filme setentista, a ilha de Summerisle não é localizada na Escócia, mas no oeste dos Estados Unidos. A personagem do policial muda de nome, de sargento Howie para Edward Malus (interpretado pelo ator Nicolas Cage). O caráter de virgindade de Howie – que foi testado no primeiro filme por uma tentativa de sedução feminina pela bela jovem Willow – não ocorre no segundo, visto que Malus acaba tendo uma filha com esta personagem, residente da ilha. A localidade de Summerisle não é mais liderada por um homem, mas por uma sacerdotisa, herdeira de um culto feminino instalado na ilha durante o século XIX, por mulheres fugindo da opressão masculina e cristã. Todos os homens da ilha são submissos às mulheres – praticamente não articulam qualquer tipo de som, sendo quase servos anômalos. O detalhe da colheita fracassada ainda se mantém, mas o clima da narrativa torna-se mais acirrado, tanto pela trilha sonora instrumental (que agrava o suspense), quanto na violência final: Malus tem suas pernas quebradas antes de ser queimado em sacrifício pela própria filha. A vítima neste caso torna-se para os espectadores um ser inocente injustamente morto pelas mulheres de uma “terrível religião”. Em sentido oposto ao filme original, onde a vítima teve todas as oportunidades de fugir, morto para um fim coletivo justificável: o de renovar a face positiva da natureza, trazendo boa colheita. Assim, a segunda versão perpetua o estereótipo tradicional sobre sacrifícios humanos, enquanto a primeira concede a

---

<sup>41</sup> O SACRIFÍCIO (*The Wicker man*). Direção: HYAMS, Peter. Brasil: Warner Bros Brasil, 2006. 1 DVD, Roteiro de Neil LaBute.

imolação dentro do referencial das próprias sociedades antigas que o praticavam, portanto, sem o anacronismo moralista do referencial judaico-cristão.<sup>42</sup>



**Imagem 2:** Cena do filme *O sacrifício*, 2006, representando a summa sacerdotisa e as adeptas da religião feminina de Summerisle. Fonte: [http://www.pretanicworld.com/images/wicker\\_man\\_6.jpg](http://www.pretanicworld.com/images/wicker_man_6.jpg) Acessado em 01 de novembro de 2006.

Apesar da inclusão deste importante elemento estético nas duas obras, o que nos interessa neste texto é o referencial fílmico sobre neo-paganismo, que não inclui em suas práticas atuais as imolações humanas. No caso, a principal mudança de roteiro em nossa opinião é a dominação feminina na comunidade insular. Todos os principais personagens que residem na isolada costa do oeste norte-americano são mulheres, cujos nomes foram retirados de plantas e flores: Willow (salgueiro, o único nome que ocorria na versão original), Moss (musgo), Rose (rosa), Thorn (espinho), Beech (Faia), Rowan (sorveira brava), Violet (violeta), Daisy (margarida). Essa preponderância das mulheres é um reflexo direto da mudança que a *wicca* vivenciou nos Estados Unidos. Uma das vertentes ali instalada, denominada de diânica (ou dianismo), pregava durante os anos

<sup>42</sup> Para um estudo dos estereótipos sobre sacrifício humano no imaginário ocidental ver: LANGER, Johni. Midvinterblot: o sacrifício humano na cultura Viking e no imaginário contemporâneo. *Brathair*, n. 4, v. 2, 2004. Disponível em: <[www.brathair.com](http://www.brathair.com)>. Acesso em: 31 de out. de 2006. Para estudos teóricos sobre o tema consultar: MAUSS, Marcel; HUBERT, Henri. *Sobre o sacrifício*. São Paulo: Cosac Naif, 2005; GIRARD, René. *A violência e o sagrado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

1970 um culto essencialmente voltado para as deusas, especialmente as do panteão Celta, radicalizando a utopia esotérica do matriarcado.

### **A popularização da *wicca* nos EUA e a publicação de *As Brumas de Avalon***

Foi nos Estados Unidos que a experiência dos movimentos feministas atingiu seu auge, durante os anos 1960. Seja queimando peças íntimas em locais públicos ou publicando diversos tipos de manifestos, as mulheres conseguiram conquistar um espaço de mídia que permitiu a criação de novas idéias sobre sociedade e comportamento. Em especial foi na região da Califórnia que o feminismo encontrou espaço mais apropriado para a erupção destes ideais, justamente numa época e local onde a cultura *pop*, os movimentos lisérgicos, o rock e a contracultura também encontravam grande espaço de manifestação. Em 1971, foi criado na Califórnia o primeiro grupo de *wicca* diânica, que logo foi influenciado pelas teorias da arqueóloga norte-americana Marija Gimbutas, unindo ainda algumas idéias dos movimentos feministas radicais.<sup>43</sup> Gimbutas acreditava em um antigo culto a uma divindade feminina central, denominada de deusa ou grande mãe, comum a vários povos do passado. Apesar dela não defender diretamente a imagem do matriarcado, tanto as paganistas quanto as feministas passaram a usar sua obra como referência para a crença na ginococracia (o poder total da mulher em uma sociedade), que desta maneira, passou também a ser a grande utopia do wiccanismo norte-americano,<sup>44</sup> mas que nunca foi

<sup>43</sup> Cf. Disponível em: <<http://www.answers.com/topic/dianic-wicca>>; Disponível em: <[http://www.witchvox.com/va/dt\\_va.html?a=uswi&c=trads&id=8451](http://www.witchvox.com/va/dt_va.html?a=uswi&c=trads&id=8451)>. Acessados em: 20 de nov. de 2006.

<sup>44</sup> A idéia do matriarcado foi defendida inicialmente por Johann Bachofen no livro **Das Mutterrecht**, de 1861, muito influente no Oitocentos. Suas obras foram traduzidas para o espanhol: **El matriarcado**. Madrid: Alkal, 1987; **Mitologia arcaica y derecho materno**. Barcelona: Anthropos, 1988. Na realidade, as obras de Marija Gimbutas tiveram um grande sucesso na Europa e especialmente nos Estados Unidos, mas foram muito mal interpretadas. Especialmente com as obras **The Goddesses and Gods of Old Europe**, 6500-3500 B.C.; **Myths, and Cult Images**. University of California Press, 1982; **The language of the Goddess**. London: Thames and Hudson, 1989. Foi organizada uma antologia bibliográfica em homenagem pela sua morte ocorrida em 1994: **From the Realm of the Ancestors: An Anthology in Honor of Marija Gimbutas**, 1997. A pesquisadora nunca defendeu a existência do matriarcado: “I call matristic, not matriarchal, because matriarchal always arouses ideas of dominance and is compared with the patriarchal. But it was a balanced society, it was not that women really so powerful that they usurped everything that was masculine”. GIMBUTAS, Marija. **Learning the language of the Goddess**. Disponível em: [www.levity.com/mavericks/gim-int.htm](http://www.levity.com/mavericks/gim-int.htm). Acesso em: 10 de nov. de 2006. As teorias de Gimbutas também foram contestadas por alguns arqueólogos contemporâneos, mas suas idéias básicas ainda encontram subsistência acadêmica, como na sistematização realizada por Kristina Berggren e James Harrod: **Understanding Marija Gimbutas. Journal of Prehistoric Religions**, n. 10, v. 70-73, 1996. Em tradução ao português, existe a

comprovada pela historiografia ou Arqueologia para qualquer comunidade histórica. Psicologicamente o culto da deusa-mãe representaria uma necessidade humana de proteção e segurança, e nos tempos modernos seus símbolos poderiam sobreviver através da veneração da terra e da natureza. Essa idéia de compaixão original da deusa (Mãe-Terra), sobrevivendo através de seu santuário (corpo) também pode ser percebida nas idéias do mitólogo norte-americano Joseph Campbell, pelo qual a idéia da preservação da natureza seria a conservação do princípio espiritual originário da Grande Deusa.<sup>45</sup> Assim, temos a imagem utópica de alguma sociedade antiga onde além das mulheres exercerem o poder total, também o culto centralizado a alguma deusa reforçaria essa supremacia feminina. Para o historiador Carlo Ginzburg, as teorias da Grande Deusa ou Deusa Mãe são abstrações que unificam de modo arbitrário cultos de natureza diferenciada ou então são teorias generalizantes inspiradas em uma psicologia etnocêntrica, portanto, sem fundamentação científica.<sup>46</sup>

Tanto a idéia do matriarcado, quanto o culto à deusa mãe e certos elementos da *wicca* feminina (ou diânica) seriam extremamente popularizados com o lançamento da obra *As Brumas de Avalon*, de Marion Zimmer Bradley em 1982.<sup>47</sup> A própria autora em seus agradecimentos estabelece suas principais influências: de um lado, a obra de James Frazer, Geoffrey Ashe, livros sobre druidas, religiões celtas e *wicca* gardneriana; de outro, informações sobre cerimônias ocultistas através de grupos neo-paganistas da região da Califórnia, onde residia. Em especial, o livro teve a colaboração de Diane L. Paxson, importante sacerdotisa californiana, que inclusive chegou a concluir outros romances de Bradley após sua morte em 1999.<sup>48</sup> Em síntese, a obra realiza uma versão

---

contribuição de Gimbutas na obra coletiva organizada por CAMPBELL, Joseph. (Org.). **Todos os nomes da deusa**. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1997.

<sup>45</sup> Cf. CAMPBELL, Joseph. A dádiva da deusa. In: \_\_\_\_\_. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athenas, 1990, p. 192. “É fácil encontrar autores wiccanos e bruxas que acreditam que a bruxaria é proveniente de uma época da humanidade em que a sociedade se organizava em modelos matriarcais. Essa idéia corrobora a hipótese de que essa é uma religião centrada no feminino”. OSÓRIO, Andréa. Bruxas modernas: um estudo sobre identidade feminina entre praticantes de *wicca*. **Campos**, n. 5, v. 2, p.159, 2004.

<sup>46</sup> GINZBURG, Carlo. **História noturna**: decifrando o Sabá. São Paulo: Cia. das Letras, 2001, p. 121, 217.

<sup>47</sup> BRADLEY, Marion Zimmer. **As brumas de Avalon**. São Paulo: Círculo do Livro, 1991. 4 v. (A senhora da magia; A grande rainha; O gamo-rei; O prisioneiro da árvore)

<sup>48</sup> *Ibid.*, p. 09-10. v. 1. Paxson concluiu o romance póstumo de Bradley **A sacerdotisa de Avalon**, publicado no Brasil pela editora Rocco, 2002. Paxson é líder do *kindred* (grupo de tradição nórdica) *Hrafnar*. (Disponível em: <<http://www.hrafnar.org>>. Acesso em: 22 de nov. de 2006.) e também escreveu uma trilogia ficcional sobre mitologia germânica com fortes elementos de xamanismo

contemporânea dos mitos arturianos, fundindo toda a complexa tradição literária medieval em um único ciclo,<sup>49</sup> permeado pelo referencial feminista. Os quatro romances apresentam a saga do rei Artur sob a perspectiva feminina na visão de quatro mulheres: Viviane, a senhora do Lago e suma sacerdotisa de Avalon; Igraine que, embora criada em Avalon e iniciada nos mistérios é dada em casamento ainda muito jovem e é mãe de Morgana e Artur; Morgana que é criada em Avalon para poder substituir Viviane e Guinevere, esposa de Artur e responsável pela cristianização de Camelot e pela sua decadência. Todos os romances apresentam as disputas, guerras e intrigas sob uma perspectiva feminina – e também feminista – mostrando ao leitor não só como as mulheres entendiam Camelot, mas como era a sua interpretação de um mundo governado por homens que estava fadado ao insucesso, pois estes desprezavam todo e qualquer poder e conhecimento que provinha deste universo. No decorrer da narrativa esta é interrompida para dar voz à personagem Morgana que vai transmitir ao leitor as suas impressões sobre os conflitos e tensões existentes em Camelot. Essa visão feminina/feminista de um mundo guerreiro e masculinista onde a mulher possuía um grande espaço e que, aos poucos o vai perdendo pode ser interpretado como um reflexo dos movimentos feministas radicais que a partir dos anos 1970 invadiram os Estados Unidos principalmente a Califórnia.<sup>50</sup> Um romance como *As Brumas de Avalon* é, sem dúvida um fruto desses movimentos que apregoavam a supremacia feminina em detrimento da busca pela igualdade entre os sexos.

Essa obra passou a ser um importante referencial imaginário não somente para a mitologia medieval, mas também como elemento informativo para a reconstituição dos costumes, história e religiosidade dos antigos Celtas. Apesar de seus inúmeros anacronismos e erros históricos, tanto as gerações futuras de leitores “celtômanos” e mesmo de wiccanos passaram a tomar o romance como uma obra central de sua fé ou de

---

feminino. Para uma análise desta obra ver: SCHNURBEIN, Stefanie V. Shamanism in the Old Norse traditions: a theory between ideological camps. **History of religions**, v. 43, n. 2, p. 116-138, 2003.

<sup>49</sup> Para um referencial acadêmico sobre as fontes literárias da mitologia arturiana durante a Idade Média, consultar: ZIERER, Adriana. Artur: de guerreiro a rei cristão nas fontes medievais latinas e célticas. **Brathair**, n. 2, v. 1, p. 45-61, 2002. Disponível em: <[www.brathair.com](http://www.brathair.com)>. Acesso em: 07 de nov. de 2006.

<sup>50</sup> A respeito dos movimentos feministas dos anos 1970 e seus ecos na literatura: SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, 1990, p. 5-22; BORDO, Susan. A feminista como o Outro. **Estudos Feministas**, ano 1, p. 10-29, 2000; HOLLANDA, Sílvia Buarque de. (Org.). **Tendências e Impasses – O feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994; DUBY, Georges; PERROT, Michelle. **Imagens da mulher**. Lisboa: Afrontamento, 1992.



seu cotidiano e valores de mundo. Tamanha foi a importância da obra de Bradley que não é possível pensar o movimento wiccano atual sem levar em conta esta influência artística.<sup>51</sup>

Por isso mesmo acreditamos que o filme *O sacrifício*, na realidade, estabelece uma metáfora da própria ilha de Avalon: quem domina sua comunidade são mulheres, não ocorre mais a figura do líder e sim de uma grande sacerdotisa. Ao contrário da primeira versão, onde a principal produção econômica da ilha é a maçã – símbolo da magia, da imortalidade na mitologia Celta e de uma sociedade igualitária<sup>52</sup> – na ilha de Summerisle é centralizada a colheita de mel. Neste caso, a abelha foi escolhida no filme de 2006 como símbolo da deusa Brigit,<sup>53</sup> uma das principais do panteão Celta irlandês, além de significar para os Celtas a sabedoria e a perfeição – mais apropriadas para o mundo feminino, onde as mulheres exercem o controle da natureza e da sociedade. A mudança para com o tipo de economia da ilha justifica-se pelo tipo de sociedade que é vislumbrada entre os dois filmes: no primeiro, por exemplo, as mulheres grávidas andam pelo meio de macieiras (símbolo do Outro Mundo e morada de reis e heróis para os Celtas<sup>54</sup>). Sendo igualitária, a comunidade escocesa concede valor para a educação tanto de meninos quanto para meninas, com os homens sendo importantes elementos para a ordem social e religiosa. Na segunda versão, uma das cenas de maior tensão é o ataque de abelhas contra o policial, não sendo apenas um motivo estético: os homens para esta comunidade norte-americana são meros reprodutores (a exemplo da sociedade das Amazonas na mitologia clássica<sup>55</sup>), servos e submissos. O fato de ser atacado

---

<sup>51</sup> “Comecei a cultivar a divindade feminina, como a maioria dos wiccanos, depois de ler o romance *As Brumas de Avalon* – diz Patrícia Fox, de 36 anos, dona da Hera Mágica, um espaço para cursos e ritos da Wicca [...] graças a essa obra o mundo começou a prestar mais atenção no curioso universo da crença Wicca”. FELIPE, Cristiana. Wicca: sob as forças da deusa e da natureza. **Revista das religiões**, n. 18, p. 46, 2005.

<sup>52</sup> Sobre o simbolismo da maçã entre os Celtas ver: ZIERER, Adriana. Significados medievais da maçã: fruto proibido, fonte do conhecimento, ilha paradisíaca. **Mirabilia** 1, 2001. Disponível em: <[www.revistamirabilia.com](http://www.revistamirabilia.com)>. Acesso em: 22 de nov. de 2006; CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2002, p. 572-573.

<sup>53</sup> Cf. **The wicker Man** 2006. Disponível em: <[www.pretanicworld.com/TheWickerMan.html](http://www.pretanicworld.com/TheWickerMan.html)>. Acesso em: 21 de nov. de 2006. Sobre a deusa Brigit consultar: MARKALE, Jean. **Nouveau dictionnaire de mythologie celtique**. Paris: Pygmalion, 1999, p. 50. Para simbolismo das abelhas entre os Celtas ver: RONECKER, Jean-Paul. **O simbolismo animal**. São Paulo: Paulus, 1997, p. 184-185; CHEVALIER; GHEERBRANDT, 2002, op. cit., p. 4-5.

<sup>54</sup> CHEVALIER; GHEERBRANDT, 2002, op. cit., p. 572-573.

<sup>55</sup> A respeito do modelo social e imaginário das Amazonas, consultar: BOYER, Régis. Mulheres viris. In: BRUNEL, Pierre. (Org.). **Dicionário de mitos literários**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997, p. 744-746.

significa que ele não está ligado com a natureza, não consegue estabelecer uma união espiritual com a grande deusa e sua única utilidade é o sacrifício final. Periodicamente buscando parceiros em regiões externas, as jovens mulheres estabelecem seu domínio nos futuros filhos, procriados no ambiente da comunidade.

A ilha de Avalon, personificada no filme de Peter Hyams, metaforiza algumas idéias da *wicca* diânica, do movimento feminista e de teóricas do gênero norte-americano (incluindo militantes do lesbianismo): o homem é um mal que deve ser subjugado ou mesmo exterminado da sociedade. Assim uma idéia sócio-sexual encontra razão e credibilidade num princípio religioso. O culto a grande deusa (ou grande mãe) é o respaldo para a firme convicção de que a mulher detinha o poder no passado e que “infelizmente” foi perdido, mas que pode ser retomado no futuro.

## Conclusão

O fenômeno mágico-religioso da *wicca* é extremamente complexo para ser verificado em todos os seus aspectos neste pequeno trabalho. As implicações sócio-culturais de suas idéias e comportamentos religiosos necessitam de maiores aprofundamentos, tanto para entender seu surgimento quanto suas manifestações em nossa sociedade contemporânea. Procuramos não seguir um procedimento que adotasse um referencial moralista ou contendo juízos de valor, algo um tanto comum em algumas investigações acadêmicas,<sup>56</sup> mas que prejudicam o resultado analítico da pesquisa. Nossa preocupação maior foi conceder um referencial historiográfico e crítico que pudesse apontar algumas das apropriações imaginárias que este movimento religioso elaborou sobre a História da Europa e alguns povos do passado:

Não cabe à Antropologia julgar a magia, mas sim desvendar a lógica implícita por trás desse pensamento. Procuramos compreendê-la como uma das diferentes manifestações humanas na incessante busca de se viver num mundo que tenha sentido.<sup>57</sup>

---

<sup>56</sup> Segundo o historiador Ciro Flamarion Cardoso existem várias pesquisas de história das religiões que preponderam o referencial de religião do investigador, comprometendo a qualidade analítica da pesquisa. Cf. CARDOSO, Ciro Flamarion. História das religiões. In: \_\_\_\_\_. **Um historiador fala de teoria e metodologia**: Ensaios. Bauru: EDUSC, 2005. Para exemplo de caso recente no Brasil de militância religiosa entre historiadores, vide a obra: COSTA, Ricardo da. **Vikings**. São Paulo: Planeta, 2004. (coleção Angus) Para resenha crítica deste livro e seus problemas interpretativos envolvendo religiosidade ver: LANGER, Johnni. **Os vikings e a academia**: resenha da obra Vikings (coleção Angus). Disponível em: <[www.necult.com](http://www.necult.com)>. \_\_\_\_\_. **O historiador e o julgamento**. Disponível em: <[www.necult.com](http://www.necult.com)>. Acesso em: 31 de out. de 2006.

<sup>57</sup> GUERRIERO, Silas. **A magia existe?** São Paulo: Paulus, 2003, p. 75.

A exemplo de outras manifestações religiosas e culturais da Nova Era,<sup>58</sup> a *wicca* popularizou-se muito através da mídia, dos jornais, televisão, da literatura e cinema ao final dos anos 1970 e em meados dos anos 1990 pela internet<sup>59</sup> e bancas de jornal.<sup>60</sup> Atualmente é praticada por milhares de jovens pelo mundo e no Brasil que entre outras coisas escolhem esta opção religiosa por uma negação objetiva à fé institucionalizada<sup>61</sup> e aos valores sócio-familiares vigentes: “[...] um novo momento

---

<sup>58</sup> Sobre este tema, consultar: MAGNANI, José. **Mystica urbe**: um estudo antropológico sobre o circuito neo-esotérico na metrópole. São Paulo: Studio Nobel, 1999.

<sup>59</sup> Entre os mais populares sites de *wicca* no Brasil destacamos o *Abrawicca* (Associação Brasileira da Arte e da Filosofia da Religião Wicca. Disponível em: <<http://www.abrawicca.com.br/news.htm>>), com artigos, fóruns, notícias e aspectos administrativos; *Old Religion* (Disponível em: <<http://www.oldreligion.com.br>>), enfatizando artigos e orientações básicas para os iniciantes e adeptos. Em ambos os casos, os acessos foram em: 22 de nov. de 2006.

<sup>60</sup> Algumas obras vendidas nas bancas de jornais e revistas do Brasil, especialmente a coleção *Wicca*, escrita por Eddie Van Feu, tratam de vulgarizar a bruxaria moderna em um estilo que se afasta da proposta inicial realizada tanto por Gerald Gardner quanto de Alex Sanders. A estrutura da coleção é voltada essencialmente para o público adolescente feminino, tanto pela editoração e ilustrações quanto pelo teor narrativo. Algumas edições possuem um texto essencialmente psicológico e voltado para a auto-ajuda, enquanto outros fornecem até mesmo orações de origem cristã, sem nenhum vínculo com o neo-paganismo: oração de São Basílio, Santo Agostinho, São Tomás de Aquino e São Patrício. Cf. FEU, Eddie Van. *Wicca* 42. Rio de Janeiro: Editora Modus, 2006. p. 102-107. Um detalhe curioso é que este último santo, São Patrício, foi um dos responsáveis pela eliminação do paganismo na Irlanda (século V d.C.), e que hoje tenta ser reconstruído tanto por tradições da *wicca* denominada de céltica quanto de outros grupos neo-paganistas. Na mesma edição (p. 5) a autora cita uma frase de Martin Luther King Jr., conhecido pacifista mas também líder cristão e conjuros citando Nossa Senhora e Jesus (p. 88). Com isso podemos perceber que a *wicca* tornou-se um grande negócio na mão de alguns escritores, lojas esotéricas e instituições que promovem cursos e oficinas, todos se afastando de uma legítima tradição seguida por alguns grupos no Brasil e em outras partes do mundo. Um autora muito popular de *wicca* no país, Márcia Frazão (Disponível em: <<http://www.milluas.hpg.ig.com.br>>. Acesso em: 23 de nov. de 2006), é particularmente criticada por várias outras praticantes wiccanas por seu vínculo com elementos brasileiros como benzeduras e curandeirismo. Cf. OSÓRIO, Andréa. Bruxas modernas: um estudo sobre identidade feminina entre praticantes de *wicca*. **Campos**, n. 5, ano 2, 2004, p. 160. Algumas reportagens recentes indicam a vulgarização e o modismo que o movimento vem adquirindo, como “O renascimento dos deuses e das bruxas: neo-paganismo reinterpreta antigas crenças e cria moda”. **A GAZETA DO POVO**, Curitiba, n. 27.827, ano 87, 2006.

<sup>61</sup> Gerald Gardner foi o primeiro wiccano a criar um referencial de identidade com as supostas bruxas mortas pela inquisição: “descobri o que havia feito tantos de nossos antepassados ousarem enfrentar a prisão, a tortura e a morte em vez de abandonar a adoração aos antigos deuses e o amor aos velhos caminhos”. GARDNER, Gerald. **O significado da bruxaria**: uma introdução ao universo da magia. São Paulo: Madras, 2004, p. 9. No Brasil, esse pensamento continua até hoje, inclusive com posturas de militância: “[...] temos séculos de propaganda do Cristianismo contra nós [...] Não fomos calados pelas fogueiras da Inquisição”. WYVERM, Naelyan. Como é ser uma bruxa no Brasil. **Almanaque wicca 2006**. São Paulo: Editora Pensamento, 2005, p. 4; 6. Os adeptos da *wicca* não estabelecem uma diferença histórica entre praticantes de feitiçaria antes da Idade Média (essencialmente individualistas, com fabricação de filtros e objetos mágicos para solução de problemas cotidianos) com os estereótipos criados pela erudição medieval (a bruxaria é coletiva, demoníaca, a própria fonte do mal, a existência das reuniões dos esbás e sabás): “Definir e descrever práticas de bruxas em separado das perseguições que contra elas se fizeram é tarefa difícil e, até certo ponto, contestável [...] bruxas são definidas e têm existência a partir do momento em que são perseguidas”. SOUZA, Laura de Mello e. **A feitiçaria na Europa Moderna**. São Paulo: Ática, 1987, p. 13.

para o pensamento mágico, que pode sair das sombras e tornar-se público”.<sup>62</sup> Talvez mais do que outras formas artísticas, o cinema conseguiu captar certo impacto social promovido pela *wicca*,<sup>63</sup> desde a sua popularização inicial até os dias de hoje. Podemos estabelecer alguns parâmetros tanto desta recepção quanto de seus efeitos:

<b>Reflexo social</b>	A <i>wicca</i> surge na mídia (anos 1960-1970) ▼	Popularização da <i>wicca</i> feminina (anos 1970) ▼
<b>Suporte Artístico</b>	<u>Cinema</u> – <i>The wicker man</i> (1ª. versão, 1973). ↓	<u>Literatura</u> – <i>As Brumas de Avalon</i> , 1982. ↓
<b>Suporte Artístico</b>		<u>Cinema</u> – <i>The wicker man</i> (2ª. versão, 2006). ↓
<b>Concepção histórica no suporte</b>	Visionário-utopista ↓	<u>Literatura</u> – Fantástico-mitológica. <u>Cinema</u> – Visionário-utopista ↓
<b>Estereótipos históricos no suporte</b>	O antigo paganismo como sistema de igualdade social. ↓	<u>Literatura</u> – Concepção bucólica e pacifista dos Celtas; matriarcado; a representação do druida; do cavaleiro e da rainha medieval. <u>Cinema</u> – Imagem do sacrifício humano; matriarcado. ↓
<b>Influência Social do suporte</b>	Popularização da magia e do neo-paganismo.	Popularização do matriarcado, do culto às deusas e da magia feminina.

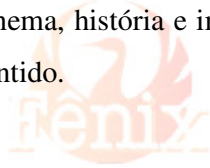
Desta maneira, o cinema (e em parte a literatura também) tornou-se receptáculo das percepções que a sociedade realiza de suas manifestações religiosas, mas ao mesmo tempo, acaba divulgado e popularizando estas mesmas manifestações. O cinema, portanto, é o local de elaboração de uma leitura do passado, criador de consciência histórica (leitura fílmica da história).<sup>64</sup> As duas versões de *The wicker man* causaram

<sup>62</sup> GUERRIERO, Silas. **A magia existe?** São Paulo: Paulus, 2003, p. 22-23.

<sup>63</sup> Existem outros filmes passíveis de analisar o fenômeno da *wicca* e da bruxaria moderna, mas que infelizmente fogem ao escopo deste trabalho: *Da magia a sedução* (Practical magical, 1998); *Jovens bruxas* (The craft, 1996), como também a série televisiva *Charmed* (Jovens bruxas, 1998/2006), transmitida pelo canal Sony. Um detalhe: as duas últimas produções ambientam as tramas na Califórnia.

<sup>64</sup> MACEDO, José Rivair. Cinema e mitologia nórdica: considerações em torno de “As aventuras de Erik, o Viking”. In: MACEDO, José Rivair; MONGELLI, Lênia Márcia. (Org.). **A Idade Média no cinema**. São Paulo: Martins Fontes. (no prelo). Para maiores informações sobre a relação entre

impressões e referenciais históricos nos seus espectadores que ainda são passíveis de pesquisa, especialmente a segunda produção. Seja popularizando uma forma específica de neo-paganismo durante os anos 1970, a *wicca* tradicional, seja propagando uma nova forma de vivenciar esta manifestação religiosa décadas depois, a sua versão feminina, o cinema é um testemunho objetivo de uma época que ainda precisa ser melhor utilizado pelos profissionais: “As possibilidades de uma leitura fílmica da história representam um desafio aos historiadores, e será preciso dialogar melhor com diretores e roteiristas que criam imagens relativas a temas de um passado mais remoto”.<sup>65</sup> Em um período onde as imagens disseminam conceitos com muito mais rapidez que a escrita, os referenciais sobre história são ditados pelo imaginário com muito mais eficiência do que qualquer obra acadêmica. Com isso, conseguir analisar produções cinematográficas e literárias, desconstruir seus estereótipos ou conceder um referencial analítico a estas obras, é uma meta fundamental não somente para os pesquisadores, mas também para os educadores em geral. A formação de uma perspectiva crítica para os estudantes do futuro e o público em geral é um dos desafios para todo interessado na relação entre cinema, história e imaginário. Esperamos que o presente trabalho tenha auxiliado neste sentido.



[www.revistafenix.pro.br](http://www.revistafenix.pro.br)

---

História e Cinema, ver: FERRO, Marc. **Cinema e História**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992; PINTO, Luciana. O historiador e sua relação com o cinema. **Olho da História**, n. 6, 2004. Disponível em: [www.olhodahistoria.ufba.br](http://www.olhodahistoria.ufba.br). Acesso em: 05 de jan. de 2005; ROSSINI, Miriam de Souza. As marcas da História no cinema, as marcas do cinema na História. **Anos 90**, n. 12, 1999; SALIBA, Elias Thomé. Robôs, dinos e outros simulacros: o limiar da utopia no cinema e na História. **Revista de Cultura Vozes**, n. 7, v. 13, 1994.

<sup>65</sup> MACEDO, José Rivair. Cinema e mitologia nórdica: considerações em torno de “As aventuras de Erik, o Viking”. In: MACEDO, José Rivair; MONGELLI, Lênia Márcia. (Org.). **A Idade Média no cinema**. São Paulo: Martins Fontes. (no prelo)